Uma reflexão teológica e pastoral sobre a ira que se esconde sob a cortesia profissional

---

Introdução: Quando a ira veste terno e gravata

Nos ambientes profissionais modernos – especialmente no chamado “mundo corporativo” – a ira já não grita. Ela não se manifesta mais com berros, portas batidas ou socos na mesa – pelo menos não abertamente. Hoje, ela assume formas mais sutis, refinadas e, por isso mesmo, mais perigosas: e-mails frios com expressões como *“conforme combinado”*, silêncios punitivos, exclusão de colegas de reuniões, atrasos propositais nas respostas ou o famoso *ghosting profissional* – quando alguém simplesmente para de responder, sem explicação nem despedida, como se o outro deixasse de existir.

E tudo isso acontece entre adultos, profissionais, pessoas presumivelmente bem-educadas – talvez até entre quem vai à Missa aos domingos. Mas por trás dessa fachada de boas maneiras, por trás de fórmulas como *“Atenciosamente”* ou *“Aguardo seu retorno”*, esconde-se algo mais sombrio: **a ira passivo-agressiva**.

A pergunta que devemos fazer é simples, mas profunda:
O que diz nossa fé católica sobre essa forma moderna e disfarçada do pecado capital da ira?

I. A ira: um pecado de mil disfarces

Na tradição católica, **a ira** é um dos sete pecados capitais – aqueles que, uma vez enraizados no coração, geram muitos outros males. Mas, ao contrário da imagem comum, a ira nem sempre se manifesta de maneira explosiva ou violenta.

O Catecismo da Igreja Católica (n. 2302) ensina:

> *“A ira é um desejo de vingança. Quando é vontade de infligir um mal a quem deve ser punido, é contrário à caridade; é pecado mortal quando deseja deliberadamente um dano grave.”*

Mas o que acontece quando esse desejo de vingança se veste de boas maneiras? Quando não se grita, mas se ignora? Quando se envia um e-mail para toda a equipe menos para uma pessoa específica? Quando se silencia não por paz, mas por punição?

Aqui nasce a **ira passivo-agressiva**: uma forma refinada de vingança e desprezo, que não explode, mas machuca; que não quebra pratos, mas destrói relações.

II. O “ghosting” profissional: a nova punição social

O termo *ghosting* vem do inglês e significa “tornar-se um fantasma”. No contexto profissional, indica o ato deliberado de ignorar: nenhuma resposta a e-mails, nenhuma comunicação, silêncio prolongado e inesperado. É uma **forma de punição social**. Do ponto de vista cristão, **é profundamente incompatível com a caridade e com a justiça**.

São Paulo escreve aos Efésios:

> *“Irai-vos, mas não pequeis; que o sol não se ponha sobre o vosso ressentimento. Não deis lugar ao diabo.”*
> *(Efésios 4,26-27)*

O apóstolo nos convida não apenas a evitar o rancor, mas **a não conservar a ira**. O ghosting profissional faz exatamente o oposto: mantém a ira em silêncio, como uma arma escondida.

O problema espiritual do ghosting profissional

- **Nega a dignidade do outro**, tratando-o como irrelevante.
- **Fecha as portas ao diálogo**, impedindo qualquer possibilidade de reconciliação.
- **Envenena o ambiente de trabalho**, gerando desconfiança e insegurança.
- **Alimenta o orgulho e a autossuficiência**, colocando-se acima do outro.

III. Linguagem fria e coração morno

A outra face da moeda é o uso de **linguagem profissional passivo-agressiva**, onde tudo parece cortês, mas nada é sincero. Frases típicas incluem:

- *“Conforme combinado, a atividade agora é de sua responsabilidade...”*
- *“Compreendemos suas limitações, mas isso é inaceitável.”*
- *“Desde já, agradeço o pronto retorno.”* (sabendo que não se deseja retorno algum) ...

... todas **armas retóricas**. É uma forma sutil de violência verbal. Do ponto de vista espiritual, isso se opõe à **verdade na caridade**.

O Senhor nos diz no Evangelho:

> *“Seja o vosso ‘sim’, sim, e o vosso ‘não’, não. O que passar disso vem do maligno.”*
> *(Mateus 5,37)*

Não se trata apenas de honestidade literal. Jesus nos convida à **transparência interior**, a palavras que não sejam máscaras ou armadilhas. Um e-mail cheio de formalidade aparente pode esconder um coração fechado – incapaz de dizer: “Você me feriu” ou “Precisamos conversar”. Isso também é uma forma de mentira.

IV. Relevância teológica: por que isso importa?

A teologia moral nos ensina que se peca não apenas **por ação**, mas também **por omissão da caridade**. A ira passivo-agressiva é pecaminosa não apenas pelo que faz, mas pelo que **impede**:

- Impede o perdão.
- Impede a comunhão.
- Impede o crescimento de relações autênticas, fundadas na verdade e no amor.

Além disso, segundo uma antropologia cristã, essa atitude nega aquilo que o ser humano é

por natureza: **um ser de relação**, criado para o encontro, o diálogo e a comunhão – não para o isolamento, a manipulação emocional ou o desprezo disfarçado.

V. Guia prática teológico-pastoral: caminhos de cura

1. **Exame de consciência profissional**

Pergunte a si mesmo:

- Ignoro colegas deliberadamente por rancor?
- Uso o silêncio como forma de punição?
- Manipulo a linguagem para ferir indiretamente?
- Já pedi desculpas por frieza ou falta de resposta?

2. **Correção fraterna em vez de punição silenciosa**

O Evangelho nos ensina:

> *“Se teu irmão pecar contra ti, vai e repreende-o entre ti e ele só; se ele te ouvir, ganhaste teu irmão.”*
> *(Mateus 18,15)*

O caminho cristão não é: “me fecho e te ignoro”, mas: confronto humilde e verdadeiro.

3. **Reformar a linguagem profissional**

Adote uma linguagem que seja:

- Clara e direta,
- Capaz de expressar conflitos com respeito,
- Aberta ao diálogo e não bloqueadora,
- Coerente com sua fé – mesmo no ambiente de trabalho.

4. **Oferecer a Deus o próprio incômodo**

Se você se sente irritado no trabalho, não reprima nem mascare a raiva. Apresente-a a Deus em oração:

> *“Senhor, estou com raiva. Estou ferido. Não quero ferir os outros. Transforma minha ira em sabedoria e compaixão.”*

A ira não deve ser reprimida nem ignorada: **deve ser redimida**.

5. **Acreditar na força do perdão**

Perdoar no ambiente profissional é difícil – mas libertador. Não acontece de um dia para o outro. Mas começa com uma decisão:

> *“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.”*
> *(Lucas 23,34)*

Conclusão: Evangelizar também entre as mesas e computadores

No escritório, nos e-mails, nas reuniões – você pode ser discípulo de Cristo. Isso significa **rejeitar o estilo passivo-agressivo**, mesmo que seja considerado “profissional”, “moderno” ou “estratégico”.

Ser cristão no trabalho significa escolher **a comunhão em vez do controle, a verdade em vez do sarcasmo, a misericórdia em vez da vingança disfarçada**.

Se Cristo habita em seu coração, Ele deve habitar também no assunto do seu e-mail, nos seus silêncios, na forma como você lida com os conflitos. Porque a santidade não se vive só na igreja – **ela se manifesta também no Outlook, no Slack, no Teams… e naquele e-mail que você está prestes a enviar com um “Atenciosamente” que, na verdade, quer dizer: “Estou te punindo com minha indiferença.”**

“Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.” (Mateus 5,5)

A mansidão cristã não é fraqueza. É a força do amor que se recusa a ferir – mesmo quando está ferido. E isso… transforma o mundo. Até o mundo do escritório.